

Concepções e Opiniões de licenciandos em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública paraense sobre o tema: Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's)

Rafaela Fernandes da Silva ¹
Reginaldo dos Santos ²

RESUMO

A educação escolar básica é essencial para a vida de um indivíduo, e é um direito constitucional que os professores devem zelar, conforme estipulado na legislação para Educação Básica. Nesse sentido, este artigo apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa desenvolvida em 2023, com o objetivo de conhecer experiências educativas e opiniões sobre o tema Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) que possuem um grupo de Licenciandos em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública paraense. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado questionário estruturado e os resultados relevam que os jovens público-alvo dessa pesquisa têm entendimento reduzido sobre IST's e salienta a necessidade de as escolas focarem esse tema na Educação Básica.

Palavras-chave: IST's, Educação Sexual, Ensino de Ciências.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), antigamente chamadas de doenças venéreas, e depois, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), são infecções transmitidas principalmente pelo contato sexual. São consideradas um problema de saúde pública, devido à sua amplitude e dificuldade de acesso ao tratamento adequado, bem como, pelo número de pessoas infectadas, aumento da incidência e por suas consequências, a nível tanto sexual, reprodutivo, infertilidade, aborto espontâneo, parto prematuro, até a mortalidade em casos associados ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (BRASIL, 2015).

Atualmente as taxas de novas infecções são maiores entre a população mais jovem, sendo que quase metade dos novos casos de IST's ocorre entre pessoas de 14 a 29 anos (BELDA, 1999). Portanto, considerando que a maioria dos indivíduos infectados está na faixa etária de 20 anos, entende-se que grande parte das infecções acontecem no período da adolescência, uma vez que a doença pode ficar por longo tempo assintomática, ou seja sem se manifestar no indivíduo que se infectou.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará- UFPA, Rafaelafernandes049@email.com;

² Professor orientador: Doutor em Ensino de Ciências, Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira - PA, reginaldosantospira@gmail.com.

Entre as infecções de maior importância, e mais conhecidas, estão a gonorreia, a sífilis, a tricomoníase, o cancroide, o herpes genital, as verrugas genitais, as infecções por clamídia, pelo vírus da hepatite B e pelo HIV (BRASIL, 2012).

A transmissão das IST's se dá principalmente pelo contato sexual (oral, vaginal, anal) realizado sem o uso de preservativos, com uma pessoa que esteja infectada (BRASIL, 2019). Por isso, saber sobre o conhecimento que uma pessoa detém sobre as IST's, é essencial para a elaboração de intervenções, principalmente do âmbito da saúde preventiva. No entanto, a maioria das ferramentas que são usadas para essa intervenção avaliam apenas o comportamento de risco para aquisição de IST's, e não o conhecimento das pessoas sobre o assunto, com isso, as escolas se tornam um dos lugares onde as pessoas recebem informações, adquirem conhecimento e exercitam sua capacidade de reflexão, assim, é de suma importância que a escola não seja apenas um lugar para se repassar informações, mas, sim, um ambiente com estratégias de ensino-aprendizagem empregadas que podem proporcionar aos alunos refletirem sobre essas questões.

Ademais, não é apenas a escola que é a grande responsável pela educação sexual de um indivíduo, mas também a família deve entrar nesse processo, pois esse aprendizado sobre sexualidade se inicia desde o nascimento, no convívio familiar (educação informal). Com isso, com o passar do tempo é que a escola (educação formal) vai se tornar um novo cenário onde a criança passa a conviver por grande parte de sua vida. Além disso, é necessário incluir nesse processo educativo outros meios de ensino-aprendizagem para a educação sexual de uma pessoa, como: redes sociais, igreja, televisão entre outros.

Levando em conta a grande importância da escola, ela vem sendo enfatizada como um espaço de conversação, em que a conversa entre amigos e professores pode ser assimilada como uma importante oportunidade para tratar de aspectos relacionados às IST's, assim como técnicas de promoção da saúde dentro desses contextos. E por isso, torna-se importante considerar o papel da escola promoção de informações e produção de conhecimentos sobre as IST's, pois é meio desse entendimento que os adolescentes irão conhecer e assumir posturas corretas sobre prevenção dessas infecções (BESERRA *et al.*, 2011).

De acordo com o que foi apresentado, entende-se que é de fundamental importância que as escolas não meçam esforços em seus trabalhos para se ter ações educativas de prevenção das IST's. As escolas de Educação Básica devem adotar estratégias didáticas eficientes para que os adolescentes possam se expressar e mostrar suas opiniões. No entanto, apesar da importância de a escola realizar um trabalho de educação sexual junto aos alunos, são poucas as escolas que

incluem em suas práticas pedagógicas a discussão de um tema tão importante e necessário como à sexualidade (BRITO; CARDOSO, 2009).

Frente ao exposto, esse trabalho discorre sobre uma pesquisa desenvolvida no ano de 2023 com o objetivo de conhecer experiências educativas e opiniões sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) que possuem um grupo de Licenciandos em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública paraense.

METODOLOGIA

Esta investigação é classificada como pesquisa qualitativa, quanto a sua abordagem, pesquisa exploratória, quanto aos seus objetivos, e pesquisa de levantamento, ao que se refere aos seus procedimentos (LAVILLE; DIONNE, 2009; (GIL, 2010).

Como técnica e instrumento de coleta de dados, a pesquisa usou questionário (Quadro 1) com perguntas do tipo fechadas e de contingente. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, esse questionário foi aplicado a um grupo de graduandos de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, de uma Universidade Pública paraense.

Esse grupo de licenciandos que se encontravam no início do curso constituía-se por 16 graduandos, com média de idade de 22 anos, sendo sete do sexo masculino e nove do sexo feminino.

Quadro 1: questionário da pesquisa

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEI
Parte - A: Identificação
1. Idade: _____ anos;
2. Sexo: _____.
Parte - B: Sobre o tema: Infecções Sexualmente Transmissíveis
1. Você teve aulas sobre Educação Sexual durante o tempo que estudou a Educação Básica? Sim (<input type="checkbox"/>); Não (<input type="checkbox"/>). Se respondeu sim, na questão 3, diga o modo como essas aulas foram ministradas.
2. Cite, no mínimo, três exemplos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).
3. Cite três exemplos de como se prevenir das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's).
4. HIV e AIDS são as mesmas coisas? (<input type="checkbox"/>) Sim; (<input type="checkbox"/>) Não; (<input type="checkbox"/>) Não sei responder.
5. Na sua opinião, nas escolas de Educação Básica deve ter aulas de Educação Sexual.

() Sim. Por quê? () Não. Por quê? () Não sei responder.

6. Se você marcou sim para a pergunta 7, diga o ano a partir do qual essas aulas deveriam iniciar.

7. Se você marcou sim para a pergunta 7, diga qual ou quais professores poderiam ministrarem essas aulas.

8. Qual desses meios de ensino-aprendizagem você considera ter influenciado mais sobre a tua Educação Sexual:

() a televisão; () as redes sociais; () a escola; () a família; () a igreja; () outros:

9. Qual desses meios de ensino-aprendizagem você considera mais adequado para influenciar sobre a Educação Sexual de uma pessoa:

() a televisão; () as redes sociais; () a escola; () a família; () a igreja; () outras:

Fonte: Elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com este arranjo metodológico, a pesquisa obteve os seguintes resultados, conforme exposto a seguir: ao serem questionados se tiveram aulas sobre Educação Sexual durante o tempo que estudou na Educação Básica, a pesquisa obteve os seguintes resultados, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Resposta para a primeira pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Sim	11	68,7
Não	5	31,2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentre suas explicações sobre como era o modo que as aulas eram ministradas obtivemos as seguintes respostas, conforme mostra a Tabela 2: sete licenciandos responderam que tiveram palestras em sua escola; três tiveram aula expositiva sobre o assunto, mas que foi algo bem sucinto; e um informou que teve uma roda de conversa em que se teve um ambiente aberto para fazer perguntas, contendo debates sobre os tópicos.

Tabela 2. Resposta para a primeira pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Palestras	7	43,8
Aulas expositivas	3	18,8
Roda de conversa	1	6,7

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, foi lhes solicitado para citar, no mínimo, três exemplos de infecção sexualmente transmissíveis que eles conheciam. Então, para essa pergunta observou-se que a Sífilis e a AIDS, foram as infecções mais citadas entre as respostas, conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3. Resposta para a segunda pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Sífilis	14	87,5
AIDS	10	62,5
Gonorreia	7	43,7
HIV	5	31,3
Herpes	5	31,3
HPV	3	18,7
Clamídia	2	12,5
Papiloma Humano	1	6,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sequência, foi solicitado que eles citassem três exemplos de como se prevenir das IST's, e foram obtidas as seguintes respostas: as 16 pessoas responderam que a melhor maneira de se prevenir das IST's é utilizando o uso de preservativo, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Resposta da terceira pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Preservativo	16	100
Ir ao médico com frequência	5	31,2
Não compartilhar objetos	4	25
Higiene pessoal	4	25
Limitar os parceiros	3	18,7
Vacinação em dia	2	12,5
Não se relacionar	2	12,5
Palestras	1	6,3
Uso de antibióticos	1	6,3
Aulas	1	6,3
Não utilizar banheiros públicos	1	6,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na questão 4, uma questão de múltipla escolha, foi questionado se HIV e AIDS são a mesma coisa, e obteve-se os seguintes resultados, conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5: Resposta para a quarta pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Sim	6	37,5
Não	7	43,7
Não sei	3	18,7

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao serem solicitados para apresentarem suas opiniões sobre se nas escolas de Educação Básica deveria ter aulas de Educação Sexual, como resposta a pesquisa obteve o sim com unanimidade, pois todos os 16 licenciandos responderam que deveria ter sim, ações educativas de Educação Sexual nas escolas de Educação Básica. E Ao explicarem suas respostas, eles apresentaram as seguintes ideias em suas respostas, conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6: Resposta para a quinta pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Prevenir as IST's	8	50
Levar conhecimento aos jovens	8	50
Prevenir gravidez	4	25
Prevenir abuso sexual	3	18,7
Conhecer seu corpo	2	12,5
Salvar vidas	1	6,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, quando a eles foi solicitado para dizer a partir de qual ano essas aulas deveriam iniciar, esses licenciandos apresentaram as seguintes respostas. A maioria respondeu que as aulas sobre esse tema deveriam se iniciar no 6º ano, conforme mostra a Tabela 7.

Tabela 7: Resposta para a sexta pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
6º ano do Ens. Fundamental	6	37,5
1º ano do Ens. Fundamental	3	18,7
7º ano do Ens. Fundamental	3	18,7
8º ano do Ens. Fundamental	3	18,7

9 ano de Ens. Fundamental	2	12,5
Ensino Fundamental Completo	1	6,3
1º ano Ens. Médio	1	6,3
Ensino Médio completo	1	6,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordos com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em Brasil (1998), a Educação Sexual deve ser inserida como um tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento, perpassando cada uma delas. Assim, ela pode ser ensinada por professores de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. No entanto, embora seja primordial docentes capacitados para o trabalho de educação sexual, a produção acadêmica tem revelado o despreparo dos professores diante do tema (BOMFIM, 2009; JARDIM; BRÊTAS, 2006; RAMIRO; MATOS, 2008).

Na sequência, ao serem indagados sobre qual ou quais professores poderiam ministrar essas aulas, a pesquisa levantou os seguintes resultados. A maioria dos licenciandos responderam que apenas os professores de Ciências e Biologia podem ministrar essas aulas, conforme mostra a tabela 8.

Tabela 8: Resposta para a sétima pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Biologia	14	87,5
Ciências	8	50
Sociologia	4	25
Todos que tiverem aptos	2	12,5
Pedagogia	1	6,3
Língua Portuguesa	1	6,3
História	1	6,3
Psicologia	1	6,3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sequência ao ser solicitado aos participantes da pesquisa que citassem qual dos meios apresentados no questionário de ensino-aprendizagem eles consideravam ter influenciado mais sobre sua educação sexual, a pesquisa obteve as seguintes respostas, conforme mostra a Tabela 9.

Tabela 9: Resposta para a oitava pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Redes sociais	7	43,7
Família	4	25
Escola	3	18,7
Televisão	1	6,3
Outros	1	6,3
Igreja	0	0

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, ao serem questionados sobre quais meios de ensino-aprendizagem eles consideravam mais adequado para influenciar sobre a educação sexual de uma pessoa, grande parte citou a escola como sendo a influência mais adequada sobre educação sexual, conforme mostra a tabela 10.

Tabela 10: Resposta para a nona pergunta.

Resposta	Nº de ocorrência	%
Escola	8	50
Redes sociais	4	25
Família	4	25
Televisão	0	0
Outros	0	0
Igreja	0	0

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com Souza (1991), ações educativas para a produção da Educação Sexual consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Então conhecer experiências e opiniões de adolescentes e jovens sobre as IST's é um caminho viável e necessário para o desenvolvimento de ações educativas para a promoção da Educação Sexual, tanto no âmbito da educação formal como a educação não formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados aqui apresentados, esta pesquisa, que objetivou conhecer experiências e opiniões que possuem um grupo de licenciandos em Ciências Biológicas sobre as IST's foi concluída considerando que tais objetivos foram alcançados.

Conclui-se que esse grupo de licenciandos demonstram compreender a importância do conhecimento acerca da temática como uma maneira de se proteger e prevenir das Infecções Sexualmente Transmissíveis, além de identificar a importância do aprendizado desde a infância, ou seja, na Educação Básica. Mas também mostram que é necessário aumentar a visibilidade do tema, visto que ele representa um problema antigo que permanece na sociedade atualmente, considerando então que licenciandos não obtiveram orientações adequadas sobre o tema quando cursavam a Educação Básica. Diante disso, é evidente a importância da Educação Sexual nas escolas, seja ela por professores ou profissionais da saúde, associada à criação de políticas públicas que sejam eficazes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. DE et al. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 107–113, 2011.

AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface**, v. 6, n. 11, p. 11–24, 2002.

BARROS, L. P. DE et al. Avaliação da qualidade de vida em adolescentes: revisão da literatura. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 57, n. 3, p. 212–217, 2008.

BELDA, W. **Doenças Sexualmente Transmissíveis**. São Paulo: Atheneu; 1999.

BESERRA, E. P. et al. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. **Ciência & saúde coletiva**, v. 16, n. suppl 1, p. 1563–1570, 2011. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700092>. Acesso em: 09 out. 2023.

BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. Monografia (Pedagogia), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009. [s.l: s.n.].

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de dez. 1996. Seção I – p. 27.833.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

Brasil. Ministério de Saúde. **Banco de dados do Sistema Único de Saúde – DATASUS**, Sistema de Informações Hospitalares. [s.d.].

Brasil. Portal Brasil. HIV e DST. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2011/09/>>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Dislene Cardoso de; CARDOSO, Nilzete Pereira. Escola e Orientação Sexual: desafios à prática de um trabalho contínuo. **Cadernos IAT**, v. 2, n. 1, p. 62-82, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. hiv-e-dst-em-mulheres.

Jardim, D. P., & Bretas, J. R. S. (2006). Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 59, 157-162.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artimed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

Ministério da Educação. resolução cne/cp nº 1, de 27 de outubro de 2020 institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 de outubro de 2020, Seção 1, pp. 103-106.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV e AIDS 2019**. Brasília: MS/SVS, 2019.

Ramiro, L. & Matos, M. G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. **Rev. Saúde Pública**, 42(4), 684-692.

Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites. **Boletim Epidemiológico Sífilis**, 2012.

SOUZA, Hália P. de. Convivendo com seu sexo: pais e professores. In: **Convivendo com seu sexo: pais e professores**. 1991. p. [384]-[384].

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. DE O.; BORTOLOTTI, L. R. Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado. **Ciência & saúde coletiva**, v. 22, n. 1, p. 23–30, 2017.